

A biografia do ponto de vista comunicacional

The biography through a communicational perspective

IGOR SACRAMENTO*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Rio de Janeiro-RJ, Brasil

RESUMO

Neste artigo, desenvolvo a noção de *biografia comunicacional* como metodologia possível para a análise das trajetórias individuais. Esta abordagem considera a comunicação como um conjunto de processos de vinculação entre o *eu* e o *outro*. Parto do pressuposto de que a problemática comunicacional está no fato de que ser significa ser para outro, por meio de outro, para si mesmo.

Palavras-chave: Comunicação, biografia, epistemologia

ABSTRACT

This paper develops the notion of *communicational biography* as a possible methodology for the analysis of individual trajectories. This approach considers communication as a set of processes that link the *self* and the *other*. I assume that the epistemological problem of communication lies in the fact that to be means to be for another, through another, to himself or herself.

Keywords: Communication, biography, epistemology

* Doutor (2012) e mestre (2008) em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ. Autor do livro *Depois da revolução, a televisão: cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970* (Pedro & João Editores, 2011), organizou, entre outras, as seguintes coletâneas: *Retórica e Mídia: estudos ibero-brasileiros* (com Fernanda Lima Lopes); *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia* (com Ana Paula Goulart Ribeiro); e *História da Televisão no Brasil* (com Ana Paula Goulart Ribeiro e Marco Roxo). Atualmente, realiza pós-doutorado na UFRJ com bolsa da Capes com o projeto de pesquisa intitulado "História da Mídia e Itinerância das Imagens". E-mail: igorsacramento@gmail.com

INTRODUÇÃO

DURANTE A REALIZAÇÃO da minha tese de doutorado, me pareceu fundamental estabelecer conexões entre a Teoria da Comunicação e a Teoria da História para poder analisar a trajetória artística-intelectual de Dias Gomes. O objetivo principal do trabalho foi analisar as relações entre as culturas comunistas e os segmentos da indústria cultural brasileira (o teatro, o cinema, o rádio e a televisão) na trajetória artístico-intelectual de Dias Gomes, entre 1939 e 1999 (Sacramento, 2012). Procurando uma nova chave explicativa para o estudo das relações entre as esquerdas e as mídias, para além da insistente dicotomia entre *cooptação* e *infiltração*, a tese defende a ideia de que Dias Gomes atuou como um mediador cultural, tendo a sua trajetória marcada por diversas hibridizações e interlocuções entre o campo da política e o da mídia. Nesse sentido, atesta que as mediações culturais de Dias Gomes se deram, especialmente, de duas formas: como circularidade (alianças, associações e intermediações) e como tensões (conflitos, acusações e oposições), presentes nas relações com determinados agentes e configurações ideológico-estruturais do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e das mídias. Para essa análise, foi cunhado, desenvolvido e aplicado o conceito-método de *biografia comunicacional*, a partir do qual, no lugar de centrar a narrativa nas ações ou nos trabalhos de um protagonista, o foco recai sobre as práticas e as mediações socioculturais envolvidas nos processos de produção, circulação e consumo de textos, que, ao se associarem a um indivíduo, constituem a vida a que se referem e pela qual existem. Dentro dessa perspectiva, a tese considera o circuito social da experiência de Dias Gomes com as indústrias midiáticas e com o PCB, tomando como seus objetos as *narrativas de si* (seus relatos autobiográficos), as produções dele e as *narrativas dos outros* que valoraram as suas atividades, trabalhos e posicionamentos, colaborando para a constituição de diferentes imagens públicas. São analisados, nesta tese, todos os trabalhos assinados por Dias Gomes (ensaios, artigos, peças, filmes, novelas) que foram publicados, transmitidos ou exibidos entre 1939 e 1999, bem como os modos como eles foram reconhecidos e valorados (pela crítica especializada e pelos pares) no interior daqueles campos sociais e nos trânsitos entre eles.

No processo de elaboração da tese, não entendi as articulações entre a Teoria da Comunicação e a Teoria da História meramente como uma aplicação dos pressupostos historiográficos ao meu objeto de análise. A minha questão de fundo era: como analisar uma trajetória individual do ponto de vista comunicacional? O que é um ponto de vista comunicacional, então? Certamente, a concepção de comunicação depende das perspectivas teóricas adotadas pelos pesquisadores.

Mesmo não havendo um consenso teórico sobre o objeto específico da comunicação, não é possível negar que o campo da comunicação tem se instaurado num conjunto de problematizações sobre a vida social que está centrado na *vinculação entre o eu e o outro*, isto é, na apreensão do ser-em-comum (individual ou coletivo), sob a forma da luta social pela hegemonia, no empenho ético pelo reequilíbrio das tensões comunitárias, nos processos de sociabilidade engendrados pelos dispositivos comunicacionais, nas transfigurações da realidade sociocultural pelas articulações com as realidades midiáticas, sob a forma de produtos e processos midiáticos. De todo modo, como explica Muniz Sodré, o problema da comunicação não é meramente estabelecer o “mero compartilhamento de um fundo comum, resultante de uma metáfora que concebe comunicação como um receptáculo de coisas a serem ‘divididas’ entre os membros de um grupo social” (2002: 223). Muito mais do que isso, trata-se de um conjunto de processos de apreensão da dinâmica identitária, no qual o *eu* e o *outro* não são instâncias sociais prontas e acabadas, a serem postas em conexão por um nexos atrativo qualquer. O cerne do problema comunicacional, para Sodré, está nas vinculações entre o *si* genérico e o *si mesmo* singular, mediado pela transcendência do *outro*. Isto faz crer que é extremamente reducionista associar essa problemática única e exclusivamente à esfera midiática:

Vinculação, entretanto, é muito mais do que um simples processo interativo, porque pressupõe a inserção social do sujeito desde a dimensão imaginária (imagens latentes e manifestas) até a liberação frente às orientações de conduta, isto é, os valores. Aqui se faz necessariamente presente o sentido ético-político do bem comum. Isto torna a questão comunicacional política e cientificamente maior do que a que constitui exclusivamente a partir da esfera midiática (Ibid.: 223-224).

Enfim, procuro neste artigo, considerando a comunicação como a constituição da vinculação entre o *eu* e o *outro*, lançar as bases de um modelo teórico-metodológico de análise biográfica numa perspectiva comunicacional.

A BIOGRAFIA COMUNICACIONAL

A crítica às biografias tradicionais elaborada por Pierre Bourdieu em *A ilusão biográfica* tem sido uma referência obrigatória para os estudos do gênero. O sociólogo francês foi certeiro ao questionar a produção de uma *ilusão* na narrativa cronológica da maioria das biografias, atribuindo à vida um sentido, uma coerência e uma finalidade. A ilusão de coerência produzida não se aproxima do sujeito real, fragmentado e múltiplo, mas reforça o *sujeito moderno*, uno, indizível e orientado. Para ele, o maior problema era o relato biográfico ser baseado no conjunto de acontecimentos que fazem parte de uma existência individual

concebida como uma história. Para Bourdieu (2006: 190), ao contrário, os acontecimentos biográficos deveriam ser entendidos como colocações e deslocamentos no espaço. Nesse sentido, ele entende a trajetória individual pela metáfora do metrô, superando a linearidade tradicionalmente buscada e optando pela rede. Para ele, a vida deve ser explicada pela matriz das relações objetivas que existem entre as estações, ou melhor, entre os diferentes pontos da existência.

Nesse ponto, alguns autores criticam Bourdieu por produzir uma *ilusão objetivista*, uma outra ilusão biográfica, na qual a trajetória do indivíduo é previamente determinada por uma específica matriz das relações objetivas. Ou seja, para esses autores, a vida humana não pode ser vista como produzida em linha reta e nem como rede de linhas objetivas predeterminadas, mas de forma desordenada e descentrada (Clot, 1989). Além da determinação, critica-se a previsibilidade que Bourdieu imputa à trajetória. Como no metrô, vários trilhos já existem e bastaria o indivíduo escolher qual seguir. Ou seja, a rede já está montada, antes de ser percorrida, antes da escolha e da sua construção. O indivíduo não participaria de sua construção. Ele apenas percorria. Ao contrário de traçar as matrizes objetivas, tem-se preferido analisar o *fazer-se* dos personagens históricos ao longo de suas existências, tendo em conta os diferentes espaços sociais nos quais atuaram, mas também as suas percepções subjetivas, oscilações, hesitações e, até mesmo, o acaso (Schmidt, 2009: 80).

Todavia, foi justamente a crítica de Bourdieu à linearidade na narrativa biográfica o aspecto mais explorado em novas abordagens. O sociólogo francês argumentava que, geralmente, os estudos biográficos têm encerrado no nome próprio um *desde sempre* para qualificar a trajetória do indivíduo com uma única ou um conjunto de características estáveis e harmônicas. Diante dessa crítica, a opção dos pesquisadores foi construir biografias que explorassem as múltiplas *facetas* do indivíduo biografado, aquelas conhecidas, mas principalmente aquelas desconhecidas que pudessem desfazer a *ilusão biográfica* (Dosse, 2009: 47). Essa opção não tinha a intenção de recuperar a totalidade do sujeito, estabelecendo-lhe uma coerência. O objetivo era mostrar a diversidade e a fragmentação constitutivas do humano.

Ao analisarem essa multiplicidade de devires do personagem biografado, os estudos biográficos ainda têm se centrado no indivíduo e na busca por uma verdade do sujeito no mundo, entendendo-a não mais como totalidade, mas como fragmentação e multiplicidade. Isso, no entanto, não dirimiu os estudos biográficos de outros dilemas: a exemplaridade, a singularidade, a representatividade e a publicidade. A *exemplaridade* se relaciona ao fato de a escolha se pautar pela conduta moral, religiosa, artística ou heroica do indivíduo biografado. A *singularidade* da vida do biografado também se tornou um critério.

O biógrafo deve valorizar aquilo que o indivíduo teria de único no seu tempo, na sua sociedade e na sua geração. No entanto, ao mesmo tempo, deve-se considerar a *representatividade* da trajetória individual, isto é, o quanto ela se constitui como legítima representante de um processo social. Além desses dilemas, há a *notoriedade*. As biografias, geralmente, são produzidas sobre *figuras públicas* (reis, militares, políticos, religiosos, pensadores, artistas). Ou seja, têm como protagonistas os *grandes homens*, os *grandes personagens da história* (Dosse, 2009; Madélenat, 1984).

No Brasil, as provocações de Bourdieu também ressoaram. Dialogando com elas, alguns autores propuseram novos modelos de estudo biográficos que trabalhassem com os “sujeitos em fractais”, como eles existem na realidade (Damasceno, 1999; Gomes e Ferreira, 2007; Pena, 2004). A maioria, no entanto, acabou tentando criar modos de aplicar os ensinamentos do sociólogo francês. Eles partem da noção de trajetória para desfazer a *ilusão biográfica* (Aguiar, 2000; Ratts, 2007; Sarmiento, 1999; Simili, 2008) ou perceber como ela foi elaborada no tempo (Facina, 2004; Rodrigues, 2007; Souza, 2008).

No caso da minha tese, sobre a trajetória artístico-intelectual de Dias Gomes, analisei as realizações dele e as representações a ele associadas no tempo de duração de sua carreira, entre 1939 e 1999. Em 1939, publicou a sua primeira peça *A Comédia dos Moralistas*. Entre os anos 1940 e 1960, dividiu-se entre o teatro, o rádio e a militância comunista, além de algumas incursões como autor de televisão e como roteirista cinematográfico. Entre os anos 1970 e 1990, dedicou-se mais à televisão do que ao teatro, mas também teve novas peças encenadas e outras adaptadas para o cinema. Mesmo que esse seja um esquema comum de periodização da trajetória de Dias Gomes, não pretendo mais forçar rupturas entre o dramaturgo e o teledramaturgo e nem impelir uma continuidade inerente centrada na sua *perenidade* subversiva¹. Pretendo especificar a variedade de manifestações comunicacionais de cada momento da duração da trajetória e mostrar os fortes elos que se estabelecem entre os tempos predecessores e os sucessores.

Para isso, propus a construção de uma *biografia comunicacional*, na qual o foco não recai sobre a atividade individual, mas sobre o circuito comunicativo das produções discursivas imbricadas num indivíduo. Essa perspectiva busca romper com a tendência dominante nos estudos biográficos. Centrados mais no individual do que no social e mais no textual do que no contextual, eles acabam deshistoricizando as ações e celebrando as características imutáveis da personalidade. Trata-se de uma opção que, se não reforça as expectativas do senso comum, produz uma coerência teleológica. Desse modo, a narração biográfica acaba priorizando a unidade, a estabilidade, a continuidade e a semelhança.

1. Anatol Rosenfeld (1972: xi) e Antonio Mercado (1991: 402), ao analisarem a obra teatral de Dias Gomes, reconheceram nela, respectivamente, uma *unidade fundamental* ou uma *coerência ideológica* que, apesar das mudanças históricas, mantinham-se constantes em si mesmas, garantindo a “integridade de sua personalidade artística” (Mercado, 1991: 72) e o seu “propósito crítico” (Rosenfeld, 1972: xii). Concebe-se, assim, o engajamento crítico como imanente a Dias Gomes. A partir dessa *ilusão biográfica*, como nos disse Pierre Bourdieu (2006), aqueles críticos teatrais acreditaram que Dias Gomes realizou de modo semelhante os significados de sua produção artística, numa constância em si mesma, e negaram os processos de disputas pelo sentido sobre o autor e sua obra que se dão no mundo em favor da verossimilhança do estabelecimento de uma imagem acabada e predeterminada.

No ponto de vista comunicacional, o objetivo de um estudo biográfico deve estar centrado no processo de análise da construção de um indivíduo como uma figura social reconhecida. A *biografia comunicacional* busca analisar como se formaram a singularidade, a representatividade, a exemplaridade e a notoriedade de um determinado indivíduo dentro de um conjunto específico de mediações socioculturais. Assim, a trajetória individual pode ser entendida no seu *acontecer inacabado e indeterminado*, no seu próprio *fazer-se*, que não é destituído de lógica racional ou de pressões estruturantes (Thompson, 1981: 97). O estudo biográfico não é realizado para demonstrar a sobredeterminação do indivíduo sobre a história (como protagonista dos acontecimentos) nem como uma sobredeterminação da história sobre indivíduo (como mero resultado da estrutura social). O objetivo passa a ser mostrar as múltiplas articulações entre o individual e o social que se deram na construção de uma figura pública. Nesse sentido, não importa somente o *texto* individual e nem exclusivamente o *texto* sobre o indivíduo, mas quem o escreveu, como o representou, a quem o endereçou e quem o leu².

2. O trabalho de Marialva Barbosa (1997 e 2010), baseado na obra de Robert Darnton (1990), no estabelecimento de uma história dos sistemas de comunicação é, certamente, uma inspiração.

Assim, pode-se observar como, em diferentes lugares e momentos, determinadas práticas, representações e apropriações sociais vão sendo construídas e dadas a ler (Chartier, 1990: 17). Ou seja, são levadas em conta as formas de reconhecimento durante o percorrer da trajetória, nos quais se produziram diversos discursos acerca da consagração, da estagnação e do declínio de determinado indivíduo nos seus campos de atuação. Considerando os textos produzidos pelo indivíduo, os textos sobre ele e aqueles sobre os seus textos, é possível começar a analisar uma trajetória individual numa perspectiva comunicacional.

O significado arcaico de texto é o de tecido. Sendo assim, o texto é composto por fios (com maior ou menor diversidade de procedências, cores e texturas) que ao se unirem a outros textos formam *tramas comunicacionais*. Nesse sentido, uma trajetória individual é um conjunto de textos entretecidos segundo específicas tessituras que constituem as práticas e as representações de uma vida. Ou seja, a vida é, também, um conjunto de textos enunciados ao longo de sua duração. E os enunciados não existem de modo isolado. Eles existem plenamente na cadeia de comunicação discursiva na qual cada enunciado é um elo inseparável (Bakhtin, 2003: 306). Ou seja, cada enunciado isolado deve ser analisado em suas relações dialógicas com outros enunciados, para ser compreendido como um *discurso*: a linguagem no todo de sua integridade concreta e viva e não como uma abstração monológica (Bakhtin, 2005: 181-185). Afinal, o sentido não está dentro do texto, mas nas relações dialógicas. É preciso, por isso, dar consistência sócio-histórica ao texto estudado.

No modelo teórico da *biografia comunicacional* que aqui formulo, o estudo da trajetória individual se concentra nas mobilidades das práticas sociais e discursivas nas quais o sujeito biografado se envolveu nos diferentes momentos de uma vida. Dessa maneira, tanto os posicionamentos quanto as imagens públicas do biografado na tessitura social constituem processos comunicacionais que precisam ser historicizados. Nesse sentido, é possível escrever a trajetória de um artista, por exemplo, para além da análise textual de suas obras, mas enfatizando a *comunicação*: as específicas práticas socioculturais de produção, de circulação e de reconhecimento dos sentidos propostos em determinados enunciados.

Minha noção de comunicação é tributária daquela de Mikhail Bakhtin. Num de seus textos, foi certo ao afirmar que “estudar o discurso em si mesmo, ignorar a sua orientação externa, é algo tão absurdo como estudar o sofrimento psíquico fora da realidade a que está dirigido e pela qual é determinado” (Bakhtin, 1998: 99). Evidentemente, aqui, está a noção de comunicação – de como toda enunciação se constitui como um *trabalho vivo de intenção*, sempre em direção à exterioridade e à alteridade e, portanto, totalmente social. Esse trabalho não se trata, portanto, de uma *expressão* da consciência individual, mas de uma *mostração* – da construção da intencionalidade pela própria contextualização da enunciação no interior do todo social (Ribeiro e Sacramento, 2010: 14).

Pois bem, para Bakhtin, todo ato comunicativo é contextual – situado por sujeitos, instituições, tempos e espaços definidos. Nesse sentido, comunicar é um processo dialógico. Não se trata apenas de dizer alguma coisa para alguém, mas para alguém e com outrem. Ou seja, a alteridade, o interlocutor, os modos e as circunstâncias são constitutivos de todo ato comunicativo. Ele não existe isoladamente, como um sistema abstrato de formas normativas, uma vez que o discurso é povoado – ou superpovoado – por um conjunto de opiniões e intenções concretas de outrem sobre o mundo. Além disso, o discurso sempre evoca os contextos que tal ato viveu sua *vida socialmente tensa*: é uma concreção socioideológica viva enquanto opinião pluringue que se coloca nos limites do território do *eu* e nos limites do território do *outro* (Bakhtin, 1998: 100). Todo discurso é, portanto, um discurso semialheio, estranho e próprio ao mesmo tempo. E a linguagem não é um meio neutro, mas é repleta das posições e dos contextos de outrem que a povoam no contexto de um novo ato comunicativo, com opiniões, tonalidades e acentos próprios, mas sempre numa constitutiva relação à alteridade.

Bakhtin entende a comunicação em três dimensões entrecruzadas: a ontológica, a axiológica e a epistemológica. No primeiro caso, ele observa que a constituição do ser e de suas relações com outro são o próprio processo comunicacional que permite a existência humana:

Nenhum Nirvana é possível para uma consciência individual. Uma consciência individual é uma contradição em termos. A consciência é essencialmente múltipla. Estou consciente de mim mesmo e torno-me eu mesmo apenas enquanto me revelo para um outro, por meio de um outro e com a ajuda de um outro (...). Separação, dissociação e fechamento no próprio eu como a principal razão para a perda do eu. Não aquilo que acontece dentro, mas o que acontece *na fronteira* entre o eu mesmo e a consciência de outro, no *limiar* (...). Assim Dostoievski confronta toda a cultura decadente e idealista (individualista), a cultura da solidão essencial e inescapável. Ele afirma a impossibilidade da solidão, a natureza ilusória da solidão. O próprio ser do homem (tanto externo quanto interno) é *a mais profunda comunhão*. Ser significa comunicar-se (...). *Ser significa ser para outro, por meio de outro, para si mesmo* (Bakhtin, 2003, 199-201, grifo nosso).

Esta passagem é, em parte, o produto da meditação profunda sobre o cristianismo que ocupou Bakhtin por toda a sua vida³. É também parte integrante da sua filosofia da linguagem. O dialogismo introduz a alteridade ou diferença no *eu*. Ela torna a identidade pessoal problemática e coloca a questão da constituição do sujeito do discurso com a relação à palavra dos outros.

Na dimensão epistemológica, Bakhtin defendeu que o texto (num sentido amplo, toda matéria significativa) é o objeto das Ciências Humanas, que, diferentemente das Ciências Naturais, tem a especificidade de não ter um objeto apenas falado, mas também um objeto expressivo e falante. Tomando os enunciados como objeto de Ciências Humanas, o que inclui a Comunicação, não se pode ignorar que

o enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza etc.) (Bakhtin, 2003: 326).

Desse modo, o que interessa à axiologia bakhtiniana são os momentos fundamentais na arquitetônica do mundo real do ato realizado ou ação – o mundo realmente experimentado, e não o mundo meramente pensável. Toda atividade valorativa deve ser compreendida como um ato realmente realizado tanto de dentro de seu produto quanto do ponto de vista do autor como um participante da criação do enunciado (ou do conjunto de enunciados que foram um texto ou uma obra) e de um determinado sistema social.

Orientado por essas questões, a biografia comunicacional se afasta radicalmente de uma *biografia substancialista*, na qual o indivíduo biografado tem as suas ações atreladas a uma essência pessoal. Neste caso, os enunciados produzidos pelos indivíduos dentro de uma imaginação romântica são concebidos como

3. Na Leningrado dos anos 1920, Bakhtin era bem conhecido como *cerkovnik*, um cristão ortodoxo devoto; suas conexões com a igreja na ilegalidade foram a causa de sua prisão em 1929.

Nesta época, ele escreveu uma obra metafísica imensa – da qual somente algumas partes sobreviveram – sobre o significado da *responsabilidade* cristã, sobre a *Palavra tornar-se carne* e sobre as implicações da injunção bíblica *No começo era o Verbo*. Para conhecer mais, consultar Holquist (1981).

reflexões de uma interioridade criadora (Williams, 1969). Proponho uma *biografia dialógica*, na qual as ações individuais sejam visceralmente relacionadas a contextos sociais. Ou seja, busco pensar *juntas* as manifestações individuais e sociais em determinados regimes históricos.

Como sabemos, a relação entre *indivíduo* e *sociedade* é um dos problemas mais recorrentes nas Ciências Sociais. Nos estudos biográficos contemporâneos, esse problema se apresenta de modo bastante particular, pois não se quer mais uma biografia como mera consagração da memória de um indivíduo célebre (*do grande homem, com grandes feitos*). Passaram a ser produzidas biografias mais preocupadas com indivíduos comuns, com pessoas que viveram a história na posição de oprimidas. Nesse movimento de valorização da biografia, houve também o resgate da biografia intelectual como possibilidade de analisar as mediações entre autor, obra e público (Dosse, 2009).

A imagem biográfica numa biografia comunicacional não deve se encerrar numa *ilusão biográfica*. O que interessa, ao contrário, é o longo processo de acabamento, motivado tanto pelas posições tomadas pelo biografado quanto pelos modos como ele foi posicionado e reconhecido. Ao longo de sua carreira, muitas imagens sobre ele e suas obras foram produzidas e circularam. O processo de construção, circulação e reconhecimento dessas *imagens públicas*, os elos propostos entre elas, bem como a especificidade de cada uma delas, é que se cabe considerar numa *biografia comunicacional*. Nesse sentido, a análise da individuação permite colocar num só tempo e relação indivíduo e sociedade, sem qualquer separação falaciosa. A relação da pluralidade de pessoas (a *sociedade*) com a pessoa singular (o *indivíduo*), como observou Norbert Elias (1994), tem se colocado de uma forma antagônica. Enquanto o ser humano singular é tomado como se fosse uma entidade existindo em completo isolamento, a sociedade é entendida tanto como um desestruturado somatório de indivíduos quanto como entidade que existe para além dos indivíduos. Ao contrário disso, pode-se considerar como os indivíduos se relacionam uns aos outros numa pluralidade, ou seja, numa sociedade. O reconhecimento de outros como membros da mesma sociedade é da ordem da cultura, do “documento de atuação” (Geertz, 1989), é constantemente renovado nas relações sociais. Isso demonstra o fato de o *eu* estar irrevogavelmente inserido num *nós*, numa relação entremeada por atos, planos e propósitos de muitos *eus*, ou seja, na multiplicidade de objetivos e anseios individuais dentro da totalidade de uma rede humana de sentidos (Elias, 1994: 57).

A noção de individuação ressalta primeiramente o indivíduo (mesmo que não se trate de um indivíduo prometeico nem de um esmagado pelas estruturas), ela também compreende uma análise mais geral aplicável aos campos sociais nos

quais os indivíduos agem e apreendem formas de conduta (Henry, 2001: 162). Enfim, a noção de individuação coloca em questão o processo de construção social da individualidade. Nesse tipo de análise, a individualidade é compreendida *relacionalmente* na medida em que o indivíduo sempre compõe com os outros o *eu* e o *nós*. O indivíduo se vê confrontado com essa tensão de dever ser como os outros ao se distinguir (Ibid.: 158). Entretanto, a sua individualidade não se reduz aos signos exteriores nem aos interiores, mas ao intenso diálogo que fazem a existência e a configuração deles ser interdependente. É como se o *eu* vivesse *duas vidas*, uma para si (agindo, falando e se pensando como individualidade), mas também uma *outra vida* para os outros, nos discursos sobre o *eu* e com os quais o *eu* invariavelmente lida, aceitando, recusando ou negociando.

Noutras palavras, a identidade é um processo comunicacional, constituído pelas imagens de si, para si e para os outros, isto é,

a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (Pollak, 1992: 204).

Ou seja, a identidade não está relacionada com o que se é, mas com o que se torna e com o modo como as representações do *eu* pelos outros o afeta. É justamente por isso que as identidades são construídas dentro e não fora dos discursos. Elas são produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de determinadas formações e práticas discursivas e por estratégias e iniciativas próprias. São também construídas no interior de modalidades específicas de poder e de marcação da diferença e da exclusão (Hall, 2005: 109). Sendo assim, os marcadores sociais da individualidade se dão no diálogo entre o *eu* e o *nós*, entre o *indivíduo* e *sociedade*.

Abandonar o indivíduo *em si* e tomar a construção social da trajetória individual em espaços públicos é uma das características da *biografia comunicacional* que estou propondo. Isso não significa fazer um estudo centrado na narração das ações do personagem biografado, mas as toma como o *fio condutor* da intriga, mostrando como outros fios engrossam o tecido de uma vida (os espaços e redes de sociabilidade, as leituras da realidade, a reelaboração pessoal, as representações do *eu* pelos outros, as imagens públicas, os códigos de conduta, o trabalho, a classe social, a etnia, o posicionamento político, o campo de atuação e a formação cultural) e constituem as *tramas comunicacionais* que unem, distinguem e medeiam as relações entre os indivíduos na sociedade.

Partindo da noção de que a comunicação se operacionaliza em um sistema, no qual estão envolvidos diversos atores e práticas (Barbosa, 2010: 26), acredito que se possa elaborar uma perspectiva comunicacional de estudo do biográfico. Nesse sentido, recupera-se o “movimento social na comunicação, a comunicação em processo” (Martín-Barbero, 2003: 290), considerando, portanto, as mediações nas construções discursivas sobre uma trajetória de vida. Ou seja, estudar a comunicação a partir da cultura é procurar desfazer a separação falaciosa do circuito comunicativo entre produção e recepção, ou entre causas e efeitos, das práticas comunicativas. Assim, poderíamos recuperar a totalidade do fenômeno comunicacional na sua pluralidade e *densidade cultural*: a especificidade e a materialidade dos conflitos, das contradições e das lutas presentes nos processos comunicativos.

Nessa perspectiva, não se entende a mediação como um modo de ajuste social: acomodação, harmonia, concordância ou o mero estabelecimento de *pontes* entre os diferentes. As mediações são densas e secretas articulações socioculturais existentes entre os processos de comunicação com as dinâmicas culturais e com os movimentos sociais. É por isso que a comunicação como cultura deve ser entendida como *processo*, isto é, na sua “natureza complexa e elástica, dinâmica e ativa, não puramente residual e mecânica” (Wolf, 2005: 105). Nesse viés, o objetivo se torna estudar tanto a especificidade das diversas práticas comunicacionais quanto as articulações delas com as formas do sistema cultural ao qual essas práticas dão vida num determinado período. A abordagem da comunicação pelos Estudos Culturais, portanto, remonta a uma ideia de história como processo, entendo-o como *acontecer inacabado e indeterminado*, mas que não é destituído de lógica racional ou de pressões determinantes (Thompson, 1981: 97).

Além disso, a cultura é concebida como um espaço de conflitos. O confronto entre diferentes visões de mundo engendra uma luta política que se expressa e ganha sentido nas práticas sociais e formas culturais que estas adquirem. A cultura é, portanto, um emaranhado que reúne diversas atividades, valores e atributos. Observar a cultura como uma arena é entendê-la como um campo de forças assimétricas, no qual devemos tentar revelar a variedade de gradações ideológicas existentes entre os agentes, identificar os diferentes posicionamentos destes, seus conflitos, polarizações diversas, mas também negociações, influxos recíprocos e circularidade de valores e práticas (Thompson, 1998: 18). Desse modo, o estudo da cultura passou a ser *o estudo da organização geral em caso particular*, isto é, da presença do cultural nas atividades humanas isoladas e de como as suas inter-relações são vividas e experimentadas como um todo em dado período: num *interacionismo radical*, que complexifica a noção de

determinação em direção à determinação mútua e múltipla (Hall, 2003: 136). Por isso, tornou-se necessário estudar as relações sociais de todas as ordens (comerciais, políticas, familiares, escolares, estéticas, midiáticas) como ativas e ativadas pela experiência humana.

Sendo assim, essa perspectiva não se ocupa somente de reconstituir o *circuito comunicativo* em seu *modo inteiro*, mas também enfatizar a experiência humana como presente em todo o processo. E isso não significa a centralidade no individual em detrimento do social, mas que o individual é constituinte das mudanças socioculturais e comunicativas. Nessa concepção, a *experiência* se tornou um conceito-chave para superar os embates entre a *determinação* e a *vontade*. Na experiência individual ou coletiva, essas tensões encontram uma forma particular de existência. Para uma biografia comunicacional, o importante é trabalhar essas tensões em processo, em movimento e não como imagens fixas e acabadas.

No Brasil, existem alguns trabalhos biográficos preocupados com a *recepção* das obras de determinados autores e no modo como tal atividade permite a construção de determinadas imagens públicas, expectativas, frustrações e valorações em modos específicos de reconhecimento e estabelecimento de conexões entre vida, carreira e obra (cf., por exemplo, Abreu, 2011; Guimarães, 2004, Werneck, 1996). As relações entre autores, críticos e públicos, embora bastante recorrentes nos estudos sobre história da leitura, estão contidas no modelo da biografia comunicacional. No entanto, este novo modelo é mais englobante. Parte do entendimento de que a análise da trajetória individual se dá a partir do conjunto de circuitos comunicativos que articulam produção, circulação, reconhecimento, mediações, práticas, apropriações, classificações, disputas, hierarquizações, representações, identidades e identificações.

A minha proposta de uma biografia comunicacional não entende a individualidade como algo interno ou natural a alguém, mas possibilita ao estudo do biográfico a incorporação das redes de produção de sentido e de sociabilidades presentes nos circuitos comunicativos da produção cultural como constituintes da *relação* do indivíduo pesquisado com outros em contextos históricos e estruturas sociais específicos. Sendo assim, o entendimento da trajetória individual como comunicação não é uma mera metáfora, mas faz parte de um princípio: o *eu* apenas se constituiu como ser em relação a um *nós*. Tomar isso como princípio implica observar a trajetória como um conjunto de processos de comunicação, povoado por uma diversidade de discursos, posições e intenções existentes num contexto específico ao evocar outros. Por conta disso, a consideração de uma trajetória individual é apenas uma entrada para a análise de como se construiu a sua figura social no trânsito entre distintas esferas sociais.

Norbert Elias observou o fenômeno de vinculação entre o *eu* e o *outro* da seguinte maneira:

Veza após outra, os atos e obras de pessoas isoladas, entremeados na trama social, assumem uma aparência que não foi premeditada. Veza após outra, portanto, as pessoas colocam-se ante o efeito de seus próprios atos como o aprendiz de feiticeiro ante os espíritos que invocou e que, uma vez soltos, não mais permanecem sob seu controle. Elas fitam com assombro as reviravoltas e formações do fluxo histórico que elas mesmas constituem, mas não controlam (Elias, 1994: 58).

No estudo da trajetória individual, essa falta de controle, ou premeditação, sobre os modos individuais de agir e de ser reconhecido pode ser considerada um problema para o seu estudo. Na perspectiva comunicacional dialógica, como já vimos, ele é compreendido pelas concorrências, associações e disputas pelos sentidos que constituem a própria vida como uma *vida semialheia*, povoada por propósitos e ações de outrem. Certamente, analisar o entrelaçamento entre todas essas práticas e representações discursivas em seus contextos é o principal objetivo da *biografia comunicacional*. Assim, é possível mostrar que a individuação de determinado sujeito como uma figura social singular é parte de muitos processos de comunicação.

PASSOS METODOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO DE BIOGRAFIAS COMUNICACIONAIS

A noção de biografia comunicacional, desenvolvida neste artigo, pode ser usada por outras pesquisas que procurem analisar, para além das ações individuais dos biografados, o circuito das produções de sentidos sociais presentes numa determinada trajetória artístico-intelectual. Necessariamente, como procurei demonstrar, trata-se de um estudo multifacetado. É preciso considerar que: 1) o *eu* apenas se constituiu como tal em relação a um *outro*, num processo que faz a trajetória individual seja sempre semialheia, porque parte de um mundo dialógico de produção de sentidos; 2) as relações sociais de produção, circulação e consumo dos *textos* (num sentido amplo que abarca a multiplicidade de linguagens, trabalhos e materialidades) associados a um determinado indivíduo são constitutivas de uma *prática discursiva dialógica*, isto é, daquele conjunto de signos que, ao dialogarem entre si, formam o objeto – uma vida, no caso – a que se referem (Foucault, 1986: 3) as modulações e balizas das formas dos sentidos sociais que compõem a trajetória de determinado indivíduo devem ser compreendidas como possíveis pelo conjunto de regras, negociações, disputas e ações existentes no interior de determinado campo social numa situação comunicativa específica, mas também nas permanências e atualizações do

habitus de determinado campo social ou daquele produzido nos trânsitos entre vários (Bourdieu, 1989: 4) a trajetória individual é um *evento vivo*, justamente porque se trata de um *por em ação* discursos, interesses e motivações que têm localizações sociais e históricas distintas que, nessa complexidade performática, forma um todo orgânico e múltiplo; e 5) as formas de sociabilidade e relações com outros indivíduos são mediadas pelas conjunturas e estruturas existentes e atuantes no interior de determinado campo e em dada situação, o que faz com que não seja possível desconsiderar a análise estrutural ou sistêmica daquela da trajetória individual.

As possibilidades de tomar uma vida como um conjunto de circuitos comunicacionais são inúmeras. Os sentidos públicos sobre uma vida são acionados dentro da regularidade enunciativa de um conjunto específico de gêneros de discurso. O ensaio publicado num periódico é, certamente, diferente de uma troca de cartas com um amigo. Estabelecer e analisar os modos de circulação desses sentidos também podem fazer partes de uma biografia comunicacional. O *íntimo* não é, dentro da perspectiva bakhtiniana a que me filio, meramente uma ligação autêntica com o *verdadeiro eu*, mas também uma modalidade comunicacional de produção discursiva. É, também, a produção de um *outro* como *eu* para ser apresentado a outrem. Está, portanto, fundamentalmente articulada a outros, aos modos como os outros nos veem, como procuramos ser vistos pelos outros e como podemos dar sentido à nossa existência de modo a sermos reconhecidos pelos outros, convencendo-os *discursivamente* de que somos *nós mesmos*. Sendo assim, o *íntimo* precisa ser conectado ao *público*: aos constrangimentos sociais, às estruturas de poder, aos trabalhos mais consagrados, às imagens públicas e às formas mais comuns de produção e de reconhecimento do *eu*.

A primeira dimensão da biografia comunicação é **identificar a singularidade de uma trajetória individual**. Essa singularidade não deve estar necessariamente identificada com a de um *grande homem* e seus *grandes feitos*. Por relações de causa e efeito entre a grandiosidade do homem e de suas realizações, procurava-se, tradicionalmente, nas biografias históricas, conferir cientificidade e veracidade ao processo de reconstituição do passado por meio de documentos. Contar a história de vida de reis, nobres, artistas e políticos famosos, certamente, pode ser uma atividade facilitada pela profusão de documentos a respeito de suas realizações, da vida pública, da privada e até mesmo da íntima deles. No entanto, isso não pode justificar o esquecimento de histórias de vida particulares, menores, como sendo também lugares para a produção de uma interpretação do passado que complexifica as *histórias gerais*, ou, no preciso termo de Walter Benjamin a “história dos vencedores” (1985).

Nas biografias, é comum a necessidade do uso do individual pela singularidade da representação possível de uma época. O gênero acabou privilegiando os *grandes homens*, as figuras notáveis, representantes das elites políticas, militares e intelectuais. Foram relegados ao esquecimento da historiografia os indivíduos comuns, os subalternos, os dominados, os excluídos, as minorias e os pobres. Essa crítica se tornou comum.

A principal justificativa dos historiadores da Escola dos Annales para que mantivessem o estudo dos *grandes homens* era que havia uma *escassez de fontes* e de documentos sobre os indivíduos que não eram políticos ou não tinham ligações com a política – com a *história oficial*. Para além de essa justificativa remeter aos preceitos da historiografia positivista, baseada em documentos oficiais, ela também foi criticada por não incluir na história os “de baixo” (Dosse, 2009). Esta crítica acabou consolidando uma nova corrente historiográfica, a micro-história, que desenvolveu um conjunto de estudos como *Os queijos e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição* (1976), de Carlo Ginzburg, e *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII* (1985), de Giovanni Levi, que procuravam, ao reduzir a escala da análise ao plano do indivíduo comum, estabelecer novas conexões entre o particular e o geral. No lugar dos grandes personagens tidos como responsáveis pelos grandes acontecimentos, passou a fazer parte da história sujeitos subalternos, comuns e esquecidos. Por conta disso, a microanálise histórica se estruturou no jogo entre a descrição detalhada do que é enfocado com a relação com o contexto social mais amplo e que passa a ser complexificado pela análise do microsocial.

Seja para se escrever a história de vida de um notável ou de alguém com pouca notoriedade ou tendo-a restrita a determinados circuitos, a identificação de uma trajetória singular no modelo da biografia comunicacional está, por um lado, relacionada ao fato de que uma trajetória individual é um modo singular de comunicação por meio de um determinado universo comum de símbolos determinado e mediado por instâncias políticas, econômicas sociais, culturais, estéticas, institucionais e até mesmo situacionais. Por outro lado, nesse modelo, a definição do indivíduo biografado passa pelo envolvimento dele com determinadas estruturas, processos, profissões ou formatos do campo da comunicação.

A segunda dimensão da pesquisa numa biografia comunicacional é **definir a natureza e o conjunto de documentos e fontes utilizados**. Nesse momento, busca-se, considerando a inserção do biografado no mundo (suas atividades, práticas e rede de relações, por exemplo), primeiramente, precisar a natureza das fontes (impressas, audiovisuais, orais, digitais). Depois disso, deve ser identificada a sua localização, isto é, onde tais documentos podem ser encontrados (bibliotecas, manuais, catálogos, acervos, sites).

Além disso, deve ser considerado se haverá a necessidade de produzir documentos a partir de fontes orais. Apesar de a biografia comunicacional não ser um trabalho exclusivo de História Oral, ela leva em conta que o ato mnemônico é uma narrativa elaborada no presente, constituindo, assim, um campo de lutas e de negociações que os sujeitos travam em situações sociais concretas e específicas acerca dos sentidos do passado. Pensando nisso, deve-se tratar das maneiras pelas quais os entrevistados forjam suas lembranças e as convocam para reconstruir o momento em que elas se deram.

Basicamente, podem ser dois os caminhos do uso dos depoimentos orais como fonte: 1) uma releitura de acontecimentos e processos a partir das novidades de informações e interpretações e 2) tematização de representações individuais ou coletivas, construídas no passado pelos protagonistas ou testemunhas, explicitadas nos depoimentos. É nesse último caso que emergem temas como identidade e memória. Evidentemente que isso exigirá um recorte sincrônico de determinados fatos ocorridos na década para que possamos fazer, com base nos relatos sobre determinados episódios, um mapa dos posicionamentos e das relações de força neles contida. Para isso, é necessário identificar os agentes, o lugar social que eles ocupavam, o tipo de relação de pertencimento que tinham, os seus padrões de sociabilidade, o compartilhamento de imaginários e crenças e, especialmente, as relações que tinham com o indivíduo biografado.

A terceira dimensão de biografia comunicacional é **mapear as redes de sentidos sociais presentes numa trajetória individual**. Deve-se demonstrar os processos de produção, circulação, consumo e ressignificação de determinados sentidos sociais. Num contínuo processo de transformação, os sentidos sociais articulam-se a determinadas comunidades discursivas, nas quais se estabelecem lugares de interlocução entre sujeitos. A formação discursiva do indivíduo biografado pode ser pensada ao mesmo tempo como um conjunto articulado entre textos e formas de significação com os modos de organização e relação de determinados grupos sociais numa rede específica de circulação dos enunciados. Buscava-se identificar também a posição e a importância relativa de cada discurso, ator individual ou comunidade discursiva (aqueles que produzem, fazem circular e se reconhecem em determinado discurso).

Entende-se que as condições de *produção* dos sentidos sociais não podem ser analisadas sem que sejam consideradas na materialidade dos *textos* resultantes em determinado produto cultural. Consequentemente, todo produto cultural é interpretado por diferentes pessoas, tanto por analistas profissionais quanto consumidores comuns. Essa *leitura* também depende de determinadas condições socioculturais. As instâncias de produção e de reconhecimento existem em relações assimétricas de poder, sejam elas materiais ou simbólicas.

Os desentendimentos, os descompassos, os conflitos entre a produção e a recepção nas *culturas vividas* dentro de específicas relações sociais (Johnson, 1996).

Desse modo, a cada produto do qual o sujeito biografado participou deve ser reconstruído o circuito comunicativo daquela produção cultural. Assim, não se considera somente o que ele realizou, mas o modo como ele foi produzido, imaginado, consumido, reconhecido, regulado e representado.

Nesse sentido, não basta somente investigar as materialidades da produção cultural (o *que* da questão), mas principalmente considerar os atores envolvidos na produção, na circulação e na recepção dos sentidos sociais articulados numa trajetória individual (o *quem*, portanto). Enfim, trata-se de identificar as diversas redes de textos – sejam eles formatados em jornais, revistas, filmes, programas de televisão, cartas, fotografias, comentários em sites da Internet, blogs, diários, depoimentos – que se processam num sistema de práticas e experiências.

A quarta dimensão é **observar as interações do biografado com determinados campos ou grupos sociais**. Nesse momento, devem-se demonstrar os diferentes processos que integram uma vida como comunicação: como um conjunto de relações materiais e simbólicas com os outros, tanto com aqueles com quem o biografado conviveu pessoalmente e profissionalmente tanto com aqueles que o leram a distância, em críticas ou como público. Articular todos esses processos é o objetivo desse tipo de estudo biográfico. No lugar de privilegiar um único indivíduo – como o processo de produção absoluta de si mesmo – procura-se mostrar como aquele indivíduo e suas realizações ganham significado na vida social. Para isso, devem-se remontar os *circuitos de comunicação* no qual ele viveu.

A última dimensão é **analisar os processos de construção da imagem pública do biografado**. Esse momento permite estudar a vida do biografado como um processo relacional de comunicação e não como a busca das *reais* intenções ao longo do tempo e em cada texto por ele produzido. Afinal, a *intenção* de um autor é um texto complexo que pode ser debatido, traduzido e interpretado de diversas maneiras, como qualquer outro, já que o autor existe dupla e concomitantemente como texto e no interior do texto (Bakhtin, 2003: 312). Nesse sentido, o processo de significação da autoria e da trajetória individual é constituído por vários indivíduos (além do próprio biografado) envolvidos no terreno de lutas por sentido, autoridade e prestígio em que cada texto é possível.

O objetivo é demonstrar como existem diferentes sistemas de reconhecimento e de produção de imagens ao longo de uma trajetória. A questão é analisar como a obra e seu reconhecimento (seu juízo), assim como a criatividade do autor, são ações praticadas dentro de um quadro de possibilidades e percepções sociais vividas numa época. Isso não significa que o sujeito tenha morrido em

nome da estrutura ou da leitura, mas que ele está sendo construído também pela estrutura e pela leitura, porque todos esses elementos são partes articuladas do mesmo processo sociocultural de formação da ação e da contemplação.

É no interior dessa rede de relações que se dá a produção de uma imagem pública do autor. Tais relações compõem, portanto, parte de um processo de legitimação que interfere em toda atividade intelectual. É, portanto, neste complexo sistema de relações sociais (que o escritor estabelece com o conjunto de outros agentes do campo intelectual) que se realiza a objetivação progressiva da criação e que se forma o senso público da obra do autor, pelo qual ele é definido e em relação ao qual ele deve se definir. O que deve ser interrogado é quem tem o poder de julgar e quem consagrar, como é feita a seleção e por que determinados autores e obras são dignos de serem amados e admirados em detrimento de outros (Bourdieu, 1968: 120). Queira o autor ou não, ele está constantemente sendo colocado dentro de um sistema de qualificação e hierarquização de seu comportamento. Querira ou não o autor, ele participa de um sistema de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na biografia comunicacional, por individualidade, não está sendo considerado algo eminentemente interior e dado pelo *eu*, mas o fato de a biografia individual, além de ser social e historicamente localizada, contar com específicos processos e circunstâncias de produção, circulação e reconhecimento de enunciados. É o entendimento desta dinâmica de enunciados que permite tomar o indivíduo como socialmente formatado pelo diálogo com os outros. Isso não quer dizer meramente que a constituição da verdade sobre o *si mesmo* seja medida pelos outros, mas que o próprio *si mesmo* é concomitantemente próprio e alheio. A vida é, afinal, semialheia, está no limite entre o *eu* e o outrem. Essa é a sua dimensão comunicacional enfatizada pela perspectiva aqui desenvolvida. Toda palavra passa a existir quando um sujeito toma consciência da palavra do outro em si mesmo, aceitando-a, incorporando-a, reconfigurando-a ou rejeitando-a. Como a vida é um complexo de enunciados, nessa perspectiva, só se torna realmente existente na interação com o mundo, com os outros, com a diferença.

Os atos de interpretação e comunicação de experiência envolvem elementos de transmutação simbólica que, antes de textualidades, são propriamente textos. É justamente disso a que se refere Richard Holmes: “o biógrafo tem sempre que construir ou orquestrar um padrão factual a partir de materiais que já tenham um elemento ficcional ou reinventado” (1995: 17). Em outras palavras, os registros da vida de uma pessoa são sempre reconstruções de eventos. Essas reconstruções se dão dentro da esfera da comunicação, isto é, as linguagens e

as comunidades discursivas fornecem o tipo de descrição e compreensão da vida do biografado.

Sendo assim, a análise biográfica na perspectiva comunicacional aqui apresentada considera a constituição da vida como parte do dialogismo que identifica e diferencia os indivíduos. Trata-se de uma imersão sócio-histórica centrada nos modos como os enunciados instituem a experiência humana como processos de comunicação. Ou seja, o significado real de uma obra, assim como de qualquer texto, é dado pela sua recepção social, porque o reconhecimento dessa realidade – e de sua verdade – está contido num projeto que é sempre projeto de ser reconhecido. ■

REFERÊNCIAS

- ABREU, Mirhiane Mendes de. *Ao pé da página: a dupla narrativa em José de Alencar*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.
- . *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- . *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BARBOSA, Marialva. Por uma história dos sistemas da comunicação. V. I. *Contracampo* (UFF), Niterói. p. 72-82, 1997.
- . Múltiplas formas de contar uma história. *Alceu*. V. 20. Rio de Janeiro: PUC-RJ, p. 25-39, 2010.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: ———. *Magia e técnica, arte e política*. (Obras Escolhidas I). 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.
- BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean (org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1968. p. 105-145.
- . *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- . A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CLOT, Yves. La otra ilusión biográfica. *Historia y fuente oral*, vol.19, n.2, 1989. p. 35-39.
- DAMASCENO, Diana. *Entre múltiplos eus: os espaços da complexidade*. Tese de Doutorado em Letras. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1999.
- DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FACINA, Adriana. *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GOMES, Angela de Castro e FERREIRA, Jorge. *Jango: as múltiplas faces*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2007.
- GUIMARÃES, Hélio Seixas de. *Os leitores de Machado de Assis - o romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2004.
- HALL, Stuart. Estudos Culturais: dois paradigmas. In: SOVIK, Liv (org.). *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 131-159.
- _____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005. p.103-133.
- HENRY, Charles. Elementos para uma teoria da individualização: quando Mozart se achava um livre artista. In: GARRIGOU, Alain e LACROIX, Bernard (orgs.). *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 145-62.
- HOLMES, Richard. Inventing the Truth. In: BATCHELOR, John (org.). *The Art of Literary Biography*. Oxford: Clarendon Press, 1995. p.15-25.
- HOLQUIST, Michael. Introduction. In: HOLQUIST, Michael (org.). *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press Slavic Series, 1981. p. xxi-xxvi.
- JOHNSON, Richard. What is culture studies anyway? In: STOREY, John (org.). *What is cultural studies?* Londres: Arnold, 1996. p. 75-114.
- MADÉLENAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- MERCADO, Antonio. Prefácio. In: _____. (coord.). *Coleção Dias Gomes – Os caminhos da revolução (volume 3)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. p. 401-415.
- PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2004.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Instituto Kuanza, 2007.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart e SACRAMENTO, Igor. Mikhail Bakhtin e os estudos da comunicação. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart e SACRAMENTO, Igor (orgs.). *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 9-36.
- RODRIGUES, Carla. *Betinho – sertanejo, mineiro, brasileiro*. São Paulo: Planeta, 2007.
- ROSENFELD, Anatol. A obra de Dias Gomes. In: GOMES, Dias. *Teatro de Dias Gomes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. xi-xliii.

- SACRAMENTO, Igor. *Nos tempos de Dias Gomes: a trajetória de um intelectual comunista nas tramas comunicacionais*. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. *Chagas Freitas: um perfil político*. Rio de Janeiro: ALERJ/FGV, 1999.
- SCHMIDT, Benito. Biografias históricas: o que há de novo? In: ARIEL, José Pires et al. (orgs.). *Leituras do Passado*. Campinas: Pontes, 2009.
- SIMILI, Ivana Guilherme. *Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SOUZA, Adriana Barreto. *Duque de Caxias - o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros - uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1981.
- . *Costumes em Comum*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.
- WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: a escrita das biografias de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Artigo recebido em 15 de abril de 2013 e aprovado em 11 de março de 2014.